

O estábulo de Eva

Vicente Blasco Ibañez

Tradução e apresentação de Rosangela Fernandes Eleutério¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Vicente Blasco Ibañez (1867-1928) foi um romancista, político e jornalista espanhol que viveu entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Sua obra literária passou entre Valência, Paris e Argentina. Ele era membro do partido republicano e conseguiu o cargo de deputado dos tribunais em vários períodos legislativos. Em seu papel como jornalista, ele escreveu textos em espanhol e catalão. Durante sua juventude, ele fundou o jornal *El Pueblo*, em Valência.

“El establo de Eva” conta a breve história de como Eva cometeu seu segundo grande pecado e como que isso deu origem à hierarquia atual das sociedades no mundo. Ibañez, com tons de ironia, faz o Senhor Deus descer a Terra para conversar com Adão e Eva em sua pobre moradia.

Seguindo com olhar faminto o arroz fervendo na paella, os ceifadores da casa de fazenda, escutavam o tio Correchola, um velhote ossudo que mostrava pela camisa entreaberta, um matagal de cabelos cinza.

As caras vermelhas, envernizadas pelo sol, brilhavam com o reflexo das chamas do lugar: os corpos transpiravam o suor da penosa jornada, saturando de grosseira vitalidade a atmosfera ardente da cozinha. E através da porta da casa, sob um céu de cor violeta, no que começavam a brilhar as estrelas, viam-se os campos pálidos e indecisos na penumbra do crepúsculo, uns já ceifados, exalando pelas rachaduras de sua casca o calor do dia, outras com ondulantes mantos de espigas, estremecendo sob os primeiros sopros da brisa noturna.

O velho se queixava da dor em seus ossos. Quanto custava ganhar-se o pão!... E este mal não tinha remédio: sempre existiram pobres e ricos, e quem nasce para vítima

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com

tem que resignar-se. Já dizia sua avó: a culpa era de Eva, da primeira mulher... De que elas não terão culpa?

E ao ver que seus companheiros de trabalho, muitos dos quais conhecia a pouco tempo, mostravam curiosidade para inteirar-se da culpa de Eva, o tio Correchola começou a contar, com extravagante sotaque valenciano, a má partida jogada aos pobres pela primeira mulher.

O acontecido se remontava nada menos que a alguns anos depois de o casal rebelde terem sido expulsos do Paraíso, com a sentença de ganhar-se o pão trabalhando. Adão passava os dias estripando terrenos e tremendo por suas colheitas; Eva arrumava, na porta de sua casa, seu vestido de folhas..., e a cada ano um pequeno a mais ia se formando entre eles num enxame de bocas que só sabiam pedir pão, colocando em apuros o pobre pai.

De vez em quando pairava por ali algum serafim, que vinha dar uma olhada pelo mundo para contar ao Senhor como andavam as coisas por aqui abaixo depois do primeiro pecado.

– Menino!.... Pequenino! Gritava Eva com o melhor dos seus sorrisos. Vem de cima? Como está o Senhor? Quando falar com ele, diga que estou arrependida de minha desobediência... Tão bem vivíamos no Paraíso!... Diga-lhe que trabalhamos muito, e só desejamos voltar a vê-lo para convencer-nos de que não nos guarda rancor.

– Farei como me pede – respondia o serafim.

E com duas batidas de asas, visto e não visto, se perdia entre as nuvens. Era frequente os recados deste gênero, sem que Eva fosse atendida. O Senhor permanecia invisível, e segundo as notícias, andava muito ocupado na arrumação de seus infinitos domínios, que não lhe deixavam um momento para descanso.

Uma manhã, um fofoqueiro celeste se deteve em frente à casa.

– Olhe, Eva: se essa tarde fizer um bom tempo, é possível que o Senhor desça para dar uma voltinha. À noite, falando como o Arcanjo Miguel, perguntava: – “Como será que estão aqueles perdidos?”

Eva ficou maravilhada com tanta honra. Chamou Adão aos gritos, que estava como sempre no terreno vizinho, dobrando, como sempre, o espinhaço. A que se armou na casa! Como se fosse véspera da festa do povoado, quando as mulheres voltam de Valência com suas compras. Eva varreu e regou a entrada da casa, a cozinha e os quartos. Colocou a colcha nova na cama, esfregou as cadeiras com sabão e terra, e

entrando no asseio das pessoas, vestiu sua melhor saia, ajeitando para Adão um casaquinho de folhas de figueira que havia arrumado para as festas de domingo.

Acreditava já ter tudo certo, quando lhe chamou a atenção a gritaria de sua numerosa prole. Eram vinte ou trinta..., ou Deus sabe quantos! E quão feios e repugnantes para receber ao Todo Poderoso! O cabelo emaranhado, o nariz com crostas, os olhos remelentos, o corpo com escamas de sujeira.

– Como apresento esta molecada, gritava Eva. O Senhor dirá que sou descuidada, uma mãe ruim. Claro, os homens não sabem o que é lidar com tanta criancinha!

Depois de muitas dúvidas, escolheu os preferidos (e que mãe não os tem!), lavou os três mais bonitinhos, e a palmadas levou até ao retábulo todo aquele rebanho triste e sarnento, trancando-os, apesar de seus protestos.

Bem na hora. Uma nuvem branquíssima e luminosa descia pelo horizonte, e o espaço vibrava com o rumor das asas e a melodia de um coro que se perdia no infinito, repetindo com mística monotonia:

Hosana! Hosana! Já metiam os pés na terra, já vinham pelo caminho, com tal esplendor que parecia que todas as estrelas do céu haviam baixado para passear entre as bancadas de trigo.

Primeiro chegou um grupo de arcanjos: o pelotão de honra. Embainharam as espadas de fogo, dirigiram uns quantos galanteios a Eva, assegurando que para ela os anos não passavam e ainda estava bonita de se ver, e com marcial franqueza se espalharam depois pelos campos, subindo-se nas figueiras, enquanto por debaixo Adão maldizia, já dando por perdida sua colheita.

Depois chegou o Senhor: as barbas de resplandecente prata, e na cabeça um triângulo que brilhava como o sol. Atrás dele, São Miguel, os ministros e os altos funcionários da corte celestial.

O Senhor acolheu Adão com um sorriso bondoso, e a Eva deu uma batidinha na cara dizendo-lhe:

– Olá, pedaço de mau caminho! Deixou de ser tão namoradeira?

Emocionados com tanta amabilidade, os esposos ofereceram ao Senhor uma cadeira confortável. Que cadeira, meus filhos! Larga, cômoda, de alfarroba forte e com um assento de trancinhas de esparto do mais fino, como pode ter um pároco do povoado.

O Senhor acomodado muito à vontade, se inteirava dos negócios de Adão, do muito que lhe custava ganhar o sustento dos seus.

Bem, muito bem, dizia. Isto te ensinará a não aceitar conselhos da tua mulher. Acreditava que tudo seria como a moleza do Paraíso? Raiva, meu filho; trabalha e sua; assim aprenderá a não se atrever com teus senhores.

Mas o Senhor, arrependido pela sua dureza, acrescentou com tom bondoso:

– Para o que não há remédio, remediado está, e minha maldição deve cumprir-se. Eu só tenho uma palavra. Mas já que entrei em vossa casa, não quero ir-me sem deixar uma lembrança da minha bondade. Vamos ver, Eva: aproxima-me esses meninos.

Os três pequeninos formaram fila em frente ao Todo Poderoso, que os examinou atentamente por um bom tempo.

– Tu, disse ao primeiro, um gorducho muito sério, que lhe escutava com as sobrancelhas franzidas e um dedo no nariz, tu serás o encarregado de julgar seus semelhantes. Fabricará a lei, dirá o que é delito, mudando de opinião a cada século, e submeterá todos os delinquentes a uma mesma regra, que é como se fosse possível curar todos os enfermos com um mesmo medicamento.

Depois apontou ao outro, um moreninho esperto, sempre com um pau para bater em seus irmãos.

– Tu serás um Guerreiro, um líder. Levarás atrás de ti os homens como o rebanho que caminha para o matadouro, e, no entanto, te solicitarão: as pessoas, ao verte coberto de sangue, te admirará como um semideus. Se os outros matam, serão criminosos; se tu matas, serás herói. Inunda os campos de sangue, passa os povoados a ferro e fogo, destrói, mata, e os poetas te cantarão e os historiadores escreverão suas façanhas. Os que fizerem o mesmo que tu, arrastarão correntes.

O Senhor refletiu por um momento e se dirigiu ao terceiro.

– Tu monopolizarás as riquezas do mundo, serás comerciante, emprestará dinheiro aos reis, tratando-os como iguais, e se arruínas a todo um povo, o mundo inteiro admirará sua habilidade.

O pobre Adão chorava de agradecimento, enquanto Eva, inquieta e trêmula, tentava dizer algo, sem decidir-se a isso. Em seu coração de mãe se agitava o remorso; pensava nos pobrezinhos trancados no estábulo que iam ficar excluídos da repartição de bens.

– Vou apresentá-los – dizia baixo a seu marido.

E este tímido sempre, se opunha murmurando:

– Seria muito atrevimento. O Senhor se aborrecerá.

Justamente, o Arcanjo Miguel, que tinha vindo de má vontade à casa daqueles reprováveis, apressava seu Amo.

– Senhor, já é tarde.

O Senhor se levantou; à escolta de arcanjos, descendo das árvores, apressou correndo para apresentar armas à saída.

Eva, por impulso do seu remorso, correu ao estábulo, abrindo a porta.

– Senhor, ainda tem mais. Algo para estes pobrezinhos.

O Todo Poderoso olhou com estranheza aquela molecada suja e asquerosa que se agitava no esterco como um montão de besouros.

– Não tenho mais nada para dar, disse. Seus irmãos levaram tudo. Já pensarei mulher, já veremos mais adiante.

São Miguel empurrava Eva para que não importunasse mais ao Amo; mas ela seguia suplicando:

– Algo, Senhor; dá-lhes qualquer coisa. Que vão fazer esses pobres no mundo?

O Senhor desejava ir-se e saiu da casa.

– Eles já têm destino, disse à mãe. Estes se encarregarão de servir e sustentar a outros.

– E daqueles infelizes – terminou o velho ceifador, que nossa primeira mãe escondeu no estábulo, descendemos nós que vivemos sobre a terra.

FIM

El establo de Eva

Siguiendo con mirada famélica el hervor del arroz en la paella, los segadores de la masía, escuchaban al tío Correchola, un vejete huesudo que enseñaba por la entreabierta camisa un matorral de pelos grises.

Las caras rojas, barnizadas por el sol, brillaban con el reflejo de las llamas del hogar: los cuerpos rezumaban el sudor de la penosa jornada, saturando de grosera vitalidad la atmósfera ardiente de la cocina, y a través de la puerta de la masía, bajo un cielo de color violeta en el que comenzaban a brillar las estrellas, veíanse los campos pálidos e indecisos en la penumbra del crepúsculo, unos segados ya, exhalando por las

resquebrajaduras de su corteza el calor del día, otras con ondulantes mantos de espigas, estremeciéndose bajo los primeros soplos de la brisa nocturna.

El viejo se quejaba del dolor de sus huesos. ¡Cuánto costaba ganarse el pan! ... Y este mal no tenía remedio: siempre existían pobres y ricos, y el que nace para víctima tiene que resignarse. Ya lo decía su abuela: la culpa era de Eva, de la primera mujer... ¿De qué no tendrán culpa ellas?

Y al ver que sus compañeros de trabajo - muchos de los cuales lo conocían poco tiempo - mostraban curiosidad por enterarse de la culpa de Eva, el tío Correchola comenzó a contar, con pintoresco valenciano, la mala partida jugada a los pobres por la primera mujer.

El suceso se remontaba nada menos que a algunos años después de haber sido arrojado del Paraíso el rebelde matrimonio, con la sentencia de ganarse el pan trabajando. Adán se pasaba los días destripando terrones y temblando por sus cosechas; Eva arreglaba, en la puerta de su masía, sus zagalejos de hojas..., y cada año un chiquillo más formándose en tomo de ellos un enjambre de bocas que sólo sabían pedir pan, poniendo en un apuro al pobre padre.

De cuando en cuando revoloteaba por allí algún serafín, que venía a dar un vistazo al mundo para contar al Señor cómo andaban las cosas de aquí abajo después del primer pecado.

– Niño!... ¡Pequeñín! – gritaba Eva con la mejor de sus sonrisas –. ¿Vienes de arriba? ¿Cómo está el Señor? Cuando le hables, dile que estoy arrepentida de mi desobediencia... ¡Tan ricamente que lo pasábamos en el Paraíso!... Dile que trabajamos mucho, y sólo deseamos volver a verle para convencernos de que no nos guarda rencor.

– Se hará como se pide – contestaba el serafín.

Y con dos golpes de ala, visto y no visto, se perdía entre las nubes. Menudeaban los recados de este género, sin que Eva fuese atendida. El Señor permanecía invisible, y según noticias, andaba muy ocupado en el arreglo de sus infinitos dominios, que no le dejaban un momento de reposo.

Una mañana, un correveidile celeste se detuvo ante la masía.

– Oye, Eva: si esta tarde hace buen tiempo, es posible que el señor baje a dar una vueltecita. Anoche, hablando con el arcángel Miguel, preguntaba: “¿Qué será de aquellos perdidos?”

Eva quedó como anonadada por tanto honor. Llamó a gritos a Adán, que estaba en un bancal vecino doblando, como siempre, el espinazo. ¡La que se armó en la casa!

Lo mismo que en víspera de la fiesta del pueblo, cuando las mujeres vuelven de Valencia con sus compras. Eva barrió y regó la entrada de la masía, la cocina y los estudios; puso a la cama la colcha nueva, fregoteó las sillas con jabón y tierra, y entrando en el aseo de las personas, se plantó su mejor saya, endosando a Adán una casaquilla de hojas de higuera que le había arreglado para, los domingos.

Ya creía tenerlo todo corriente, cuando le llamó la atención el griterío de su numerosa prole. Eran veinte o treinta..., o Dios sabe cuántos. ¡Y cuán feos y repugnantes para recibir al Todopoderoso! El pelo enmarañado, la nariz con costras, los ojos pitarrosos, el cuerpo con escamas de suciedad.

– Cómo presento esta pillería – gritaba Eva –. El Señor dirá que soy una descuidada, una mala madre... ¡Claro, los hombres no saben lo que es bregar con tanto chiquillo!

Después de muchas dudas, escogió los preferidos (¡qué madre no los tiene!), lavó los tres más guapitos, y a cachetes llevó hasta el retablo a todo aquel rebaño triste y sarnoso, encerrándolo, a pesar de sus protestas.

Ya era hora. Una nube blanquísima y luminosa descendía por el horizonte, y el espacio vibraba con rumor de alas y la melodía de un coro que se perdía en el infinito, repitiendo con mística monotonía:

¡Hosanna!, ¡hosanna!...Ya echaban pie a tierra, ya venían por el camino, con tal resplandor que parecía que todas las estrellas del cielo habían bajado a pasear por entre los bancales de trigo.

Primero llegó un grupo de arcángeles: el piquete de honor. Envainaron las espadas de fuego, dirigieron unos cuantos chicoleos a Eva, asegurando que por ella no pasaban años y aún estaba de buen ver, y con marcial franqueza se esparcieron después por los campos, subiéndose a las higueras, mientras Adán maldecía por lo bajo, dando ya por perdida su cosecha.

Después llegó el Señor: las barbas de resplandeciente plata, y en la cabeza un triángulo que deslumbraba como el sol. Tras él, San Miguel y todos los ministros y altos empleados de la corte celestial.

Acogió el Señor a Adán con una sonrisa bondadosa, y a Eva le dió un golpecito en la barba, diciéndole:

– ¡Hola, buena pieza! ¿Ya no eres tan ligera de cascos?

Emocionados por tanta amabilidad los esposos ofrecieron al Señor una silla de brazos. ¡Qué silla, hijos míos! Ancha, cómoda, de algarrobo fuerte, y con un asiento de

trencilla de esparto del más fino, como la pueda tener el cura del pueblo.

El Señor arrellanado muy a su gusto, se enteraba de los negocios de Adán, de lo mucho que le costaba ganar el sustento de los suyos

– Bien, muy bien – decía—. Esto te enseñará a no aceptar los consejos de tu mujer.

¿Creías que todo iba a ser la sopa boba del Paraíso? Rabia, hijo mío; trabaja y suda; así aprenderás a no atreverte con tus mayores.

Pero el Señor, arrepentido de su rudeza, añadió con tono bondadoso:

– Lo hecho, hecho está, y mi maldición debe cumplirse. Yo sólo tengo una palabra. Pero ya que he entrado en vuestra casa, no quiero irme sin dejar un recuerdo de mi bondad. A ver, Eva: acércame esos chicos.

Los tres arrapiezos formaron en fila frente al Todopoderoso, que los examinó atentamente un buen rato.

– Tú – dijo al primero, un gordiflón muy serio, que le escuchaba con las cejas fruncidas y un dedo en la nariz-, tú serás el encargado de juzgar a tus semejantes. Fabricarás la ley, dirás lo que es delito, cambiando cada siglo de opinión, y someterás todos los delincuentes a una misma regla, que es como si a todos los enfermos los curasen con el mismo medicamento.

Después señaló al otro, un morenito vivaracho, siempre con un palo para sacudir a sus hermanos.

– Tú serás un guerrero, un caudillo. Llevarás tras de ti a los hombres como el rebaño que marcha al matadero, y, sin embargo, te reclamarán: la gente, al verte cubierto de sangre, te admirará como un semidiós. Si los otros matan, serán criminales; si tú matas, serás héroe. Inunda de sangre los campos, pasa los pueblos a hierro y fuego, destruye, mata, y te cantarán los poetas y escribirán tus hazañas los historiadores. Los que sin ser tú hagan lo mismo, arrastrarán cadenas.

Reflexionó el Señor un momento, y se dirigió al tercero.

– Tú acapararás las riquezas del mundo, serás comerciante, prestarás dinero a los reyes, tratándolos como iguales, y si arruinas a todo un pueblo, el mundo entero admirará tu habilidad.

El pobre Adán lloraba de agradecimiento, mientras Eva, inquieta y temblorosa, intentaba decir algo, si decidirse a ello. En su corazón de madre se agitaba el remordimiento; pensaba en los pobrecitos encerrados en el establo que iban a quedar excluidos del reparto de mercedes.

– Voy a enseñárselos – decía por lo bajo a su marido.

Y éste, tímido siempre, se oponía murmurando.

– Sería demasiado atrevimiento. Se enfadará el Señor.

Justamente, el arcángel Miguel, que había venido de mala gana a la casa de aquellos réprobos, daba prisas a su Amo.

– Señor, que es tarde.

El Señor se levantó; la escolta de arcángeles, bajando de los árboles, acudió corriendo para presentar armas a la salida.

Eva, impulsada por su remordimiento, corrió al establo, abriendo la puerta.

– Señor, que aún quedan más. Algo para estos pobrecitos.

El Todopoderoso miró con extrañeza aquella caterva sucia y asquerosa que se agitaba en el estiércol como un motón de gusanos.

– Nada me queda que dar – dijo –. Sus hermanos se lo han llevado todo. Ya pensaré, mujer; ya veremos más adelante.

San Miguel empujaba a Eva para que no importunase más al Amo; pero ella seguía suplicando.

– Algo, Señor; dadles cualquier cosa. ¿Qué van a hacer estos pobres en el mundo?

El Señor deseaba irse, y salió de la masía.

– Ya tienen destino – dijo a la madre. Estos se encargarían de servir y mantener a otros.

– Y de aquellos infelices – terminó el viejo segador –, que nuestra primera madre ocultó en el establo, descendemos nosotros que vivimos sobre la tierra.

FIN

REFERÊNCIAS

IBAÑEZ, Vicente Blasco. “El establo de Eva. Barcelona”, 1902. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000027.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2020.